

# Ecclesia



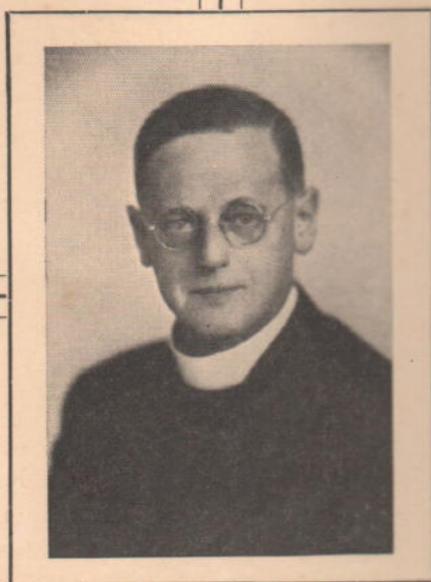
Outubro de 1949

Ano 1.º

• N.º 4

## *Rev. Dr. Frank Bate*

---



Secretário Honorário da Spanish & Portuguese Church Aid Society, com sede em Londres, desde Maio de 1934 até à data do seu repentino falecimento, em 28 de Janeiro do corrente ano. De elevadíssima cultura teológica e literária, conhecia bem treze línguas e, homem muito viajado, era um grande valor no clero da Igreja Anglicana e um consagradíssimo amigo das Igrejas Reformadas em Portugal e Espanha, que ele muito bem conhecia e pelas quais muito se interessava.

# Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

**EDUARDO H. MOREIRA**

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º Dto. - LISBOA --Tel. 70722

ADMINISTRADOR:

**DANIEL DE PINA CABRAL**

Avenida da República, 1118 --VILA NOVA DE GAIA

## Cautela com as Crianças!

**CRIANÇAS**, a parcela mais sã da nossa carne;

**CRIANÇAS**, o apelo mais alto, feito ao nosso espírito;

**CRIANÇAS**, a nota mais pura na sinfonia social;

**CRIANÇAS**, os mais conspícuos membros do que Jesus Cristo chamou — "o Reino de Deus".

"Na verdade vos digo que se vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar, como este menino, esse é o maior no reino dos céus; e qualquer que receber em meu nome um menino como este, a mim me recebe, mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha e que o lançassem ao fundo do mar". Assim disse o Mestre bem-dito e São Mateus o registou (cap. 18:3-6).

"Qualquer que rece-

ber um destes meninos em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe não só a mim mas ao que me enviou... Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como menino, de maneira nenhuma entrará nele". Assim disse o Senhor, também, e São Marcos o reproduziu (cap. 9:37 e cap. 10:14 e 15).

Amai as crianças; tende cautela com as crianças!

Estamos em tempo de colheitas nos campos de Portugal; os louros grãos das searas, os multicores frutos do pomar e da vinha, o discreto e rico produto de soutos e olivedos enchem cestas, sacas, tulhas, ceiras, alcofas e arcas; e enchem também de alegria o coração do lavrador cansado. Fica bem neste princípio de outono a festa anual das Escolas Dominicais na Europa, pois as crianças são também frutos, os melhores frutos da

### SUMÁRIO DO N.º 4

|  |    |
|--|----|
| Cautela com as Crianças! . . .                                 | 1  |
| Reminiscências e Perspectivas .                                | 3  |
| A Igreja e sua Responsabilidade<br>(Lorde Arcebispo de Armagh) | 6  |
| Florilégio da Oração . . . . .                                 | 8  |
| No Átrio; Na Nave; . . . . .                                   | 9  |
| Hino Triunfal (Letra e Música)                                 | 11 |
| Lauda Poética: Praia da Vida<br>e Sacrifício inútil . . . . .  | 12 |
| Missionística, Ch. Périer . . . .                              | 13 |
| No Lar: (Carta dum Bolseiro)                                   | 15 |
| Na Seara . . . . .   | 16 |
| Programa da Conferência de<br>Janeiro . . . . .                | 16 |

família humana, rescendendo frescura e alegria, gritando em côr e em vida, prometendo à Espécie e ao Mundo continuidade e progresso.

E tanto há que fazer com as crianças... Um tesouro, a criança; mas um tesouro só é tesouro verdadeiro quando posto em equação, em exercício e em prova.

Jesus Cristo descobriu a Criança como valor quando a pôs em equação ante os outros valores, em exercício para novos valores e em prova para maior valor. Outros pioneiros houve outrora, no caminho desse descobrimento, que, vivendo no espírito do Messias esperado, fizeram pesquisas eficazes e úteis aplicações: Salomão e Esdras são dois desses génios, plasmadores da argila humana ainda na fase tenra.

"É provérbio, diz Salomão: O homem, segundo o caminho que tomou sendo menino, dele se não apartará ainda quando for velho" (Provérbios 22:6). E guiado por este salutar princípio, que admiráveis lições nos deu sobre a Sabedoria!

Mas Esdras, o "hábil doutor na lei de Moisés", o enviado de Artaxerxes à Jerusalém desolada, ao reunir o povo soube chamar não só os adultos como também as crianças que já entendiam; e a todos disse: "Façamos pacto com o Senhor nosso Deus".

Vós, gente do século XX, de cidades e aldeias, que com afectuosa mas inconsciente superioridade desdenhais os **petizes**, os **miúdos**, a **canalha**, olhai o exemplo de Esdras, e considerai então as palavras de Leibnitz, o último enciclopédico, quando disse: "Quem possuir a infância possuirá o futuro". Considerai como há três mil e seiscentos anos, uma princesa do Egipto, descobrindo uma criança num cesto embreado a boiar no Nilo, sem querer mudou a face do mundo. Como Santo André, vai agora para dezanove séculos, descobrindo um rapazinho com seu pequeno farnel de cinco pães e dois peixes, proclamou a colaboração infantil na Cristandade. Como São Paulo, estendendo a suave mensagem às famílias de Crispo, de Lídia e do Carcereiro de Filipos, convertidos, proclamou implicitamente a inclusão da infância na Comunidade usufrutuária dos Bens Celestes.

Demos graças a Deus, que são irmãos nossos em Cristo, tanto Lutero e Melancton como S. Carlos Borromeu e S. José Calasenz, os pessimistas de Port-Royal ou o grande optimista Pestalozzi;

Coménio, o bispo moravo ou Roberto Raikes, o mestre-escola anglicano.

É preciso amar as crianças, carne da nossa carne. É preciso respeitar as crianças, exemplo para as nossas almas. É preciso lembrar inteligentemente e sempre as crianças: no púlpito, na literatura, no seio da família ou no meio do borbórinho social.

Elas são tantas vezes esquecidas! Outras vezes tão maléficamente lembradas...

Linguareira, cala-te; obsceno, confunde-te: está aí uma criança. Já que não respeitas a criança que foste, não sujes tu a criança que contigo se não parece. Cautela com o que dizes e fazes; repara nos olhos ávidos e nos ouvidos atentos que te enfrentam. Faze-te puro por amor dos que são puros.

Limita os beijos que dás e aumenta os cuidados que deves ter. Aprende as regras da higiene do corpo e da alma.

E quantos maus livros, quantos maus filmes, quantas más conversas, quantos maus gestos por aí vão! Às vezes uma frase, um simples olhar... Mas tu sabes, deves saber isso tudo. Tens essa obrigação.

Não és pai? Imagina que o és. Pensa que o deves ser, num sentido genérico e colectivo: a geração a que pertences deve cuidar paternalmente da geração que lhe sucede.

Olha: se as noitadas te prejudicam, quanto mais serão perniciosas aos pequeninos! Erro grande é arrancar ao leito do repouso benigno os teus filhinhos. Grande mal é negar-lhes o ar livre e a luz do sol.

Grande obra seria levar à praia por algumas semanas os filhinhos de aqueles que com dificuldade conseguem ganhar o magro pão para eles — enquanto outros desperdiçam fortunas diabòlicamente, apesar de encherem a bôca com a "civilização cristã".

Tem cuidado com as companhias que dás aos teus pequeninos. Há parasitas repugnantes, há vírus contagiadores de graves doenças, e há maus costumes que se pegam ainda com maior facilidade. Ah! se fosse possível desde já livrar esses infelizes transmissores dos parasitas, dos vírus e da educação viciosa!

Quase nada se filma, se diz e se imprime para as crianças, com verdadeiro valor educativo, e assim elas se tornam entre nós como frutos

amadurecidos à força, adultos antes de tempo, homenzinhos, mulherzinhas caricaturais, miniaturas do ridículo em vez de expoentes de ingenuidade.

Lembras-te, leitor, daquele Herodes que matou os Santos Inocentes? Isso foi a "infância da arte", da arte do infanticídio. Os Herodes modernos são muito requintados. Não se contentam em enviar quadrilheiros a degolar uns centos de meninos. Têm o prazer **estético** daqueles inquisidores que, assestando a luneta sobre as donzelas que se estorciam na tortura, trocavam entre si sádicas impressões acerca das atitudes que a angústia e a dor provocam.

E não são centos, são milhões que esta geração a que tu e eu pertencemos, condenou, pela guerra de nervos que os atingiu no período

//

○ Prémio Nobel de Literatura, em 1948, foi concedido ao ensaísta, sanscritista, editor e poeta

inglês, de origem norte-americana, e descendente de puritanos da Nova Inglaterra, Tomaz Stern Eliot, educado em Harvard, na Sorbona e em Oxónia, que é desde há muito um fervoroso anglo-católico. Eliot é autor do famoso drama "Morte na Catedral" e do ensaio "A Ideia duma Sociedade Cristã", entre muitas outras e notáveis obras. Os seus primeiros poemas datam de 1909 e tem agora sessenta e um anos de idade, tendo estado em Portugal em 1938, para fazer parte do júri no concurso para o Prémio Camões. Saudemos o grande Poeta cristão.



Na comemoração centenária do "Livro de Oração Comum", da grande comunhão anglicana, não foi esquecido o Livro Português que, na sua estrutura, segue de perto aquele padrão da piedade cristã e católica, ainda que enriquecido com jóias litúrgicas de outras procedências. Não foram esquecidos os liturgistas que o prepararam — José Nunes Chaves, Tomaz Pope, Henrique Ribeiro de Albuquerque, Diogo Cassels; mas cremos não terem sido indicados à nossa gratidão três outros homens cujos nomes estão ligados ao L. O. C. português, e por isso o jornalista tem o dever de

pre-natal; pela guerra fria que lhes regelou os lares; pela guerra ardente que os orfanou ou os lançou no inferno dantesco dos campos de concentração. Milhões de espectadores do ódio feroz que não dá quartel, do ranger de dentes do desespero, do remorso, da vingança e da loucura.

Herodes modernos, cautela com as crianças!

Igreja de Cristo, respeita por tua vez, ama, cuida das crianças, que formam o departamento mais nobre das tuas actividades e são a camada mais sã das tuas colheitas.

Ensina-lhes gradualmente o que o seu intelecto não conhece mas a sua intuição abrange com facilidade. Aprende delas a singeleza e a confiança que nelas é abundante reserva de risos e em ti fraco pecúlio reunido com lágrimas.

//

## REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

os apontar: Henrique Martyn, o famoso missionário que instou pela sua primeira edição para o Oriente lusó-

fono; o Conde Eduardo de Moser, que fez a tradução nova, para a edição de 1849 e João Cassels, negociante em Lisboa, que interferiu nessa edição, a qual, como se verifica, teve agora o seu 1.º centenário, o que também passou despercebido. João Cassels, que depois se deslocou para o Porto e Vila Nova de Gaia, foi o pai de Diogo Cassels e de André Cassels, dois presbíteros da Igreja Lusitana, do bispo da China Ocidental Guilherme Cassels, e do benemérito cristão, entusiasta das Escolas Dominicais, Herberto Cassels, e ainda de mais oito filhos e filhas. Preciosa geração!



Dom Lucas Teixeira, o frade bento iluminista que expôs os seus trabalhos em Junho, no S. N. I., trouxe à arte nacional uma nota de tão alto ineditismo e de tanta beleza que não resistimos ao desejo de aqui deixar esta humilde nota de profundo apreço. Que ouros! Que côres! Que arabescos, insectos, flores, céus e prados! Quanta novidade na ressurreição duma velhíssima arte! Sem ideal, sem alma, nada de tão formoso nos poderia ter oferecido o artista cristão. Bem haja.

Anuncia-se que a colónia portuguesa de Moçambique será a primeira região da África a obter auxílio segundo o "Plano Marshall". Decerto que todo o bom português se alegra com o facto. Esperemos também que desde agora, com um sentido mais humano e mais cristão, se não ponham embargos à entrada de missionários evangélicos, estrangeiros e nacionais, naquela nossa terra. Assim se demonstrará que os aspectos económicos e morais da vida caminham a par.

Foi a 4 de Março, perfazem-se agora sete meses, que faleceu Castelo de Morais. Recordo-o com saudade. Durante anos quem isto escreve o encontrava em quase todas as manhãs, no "Trevo", ao Camões, e ali desenfastiadamente se conversava. Era tão modesto este **João Zero**, como tantas vezes se assinou, era tão cortês este barão des Aigues de Roserais, da nobre estirpe de La Tour d'Auvergne, que nunca usou o título a que tinha direito, era tão genuinamente culto este químico analista transmutado em poeta satírico e novelista de fundo e fôlego! Junqueiro festejou-lhe os versos. Todos o admiravam, porque a ninguém fazia sombra. Ouvi-lhe declarações de humilde crença e apologias entusiásticas do Evangelho — do Evangelho despido de políticas clericais e de retóricas sem espírito. Eram belos testemunhos esses, que com ele passaram e se sumiram, como tantas pérolas se dissolvem no acre vinho da vida ligeira que levamos. Mas ao ler o seu romance "A Grande Empresa", podemos unhar esta frase de ouro: "Liberto de todas as ilusões... queria pisar de novo o mesmo chão... para ver se, no livro imenso da Terra, aprendia a soletrar o nome dessa Divindade misteriosa que pode, só Ela, encher de luz as pupilas cegas da razão humana".

Num baile dito "existencialista" (nome que hoje serve para rotular muita coisa estrídula e estranha) apareceu uma senhora caracterizada com uns lábios pintados no mento, um olho pintado na testa e outro numa face, e um dos olhos autênticos escurecido, para não dar nas vistas alheias... Propunha-se a senhora referida imitar, segundo dizia, a "maneira" do pintor Picasso. Ainda não

vimos melhor comentário à falta de sinceridade de algumas das manifestações da arte moderna.

Tem-se anunciado a entrega, sob reservas, à nova Itália, de uma parte das regiões do norte de África que os italianos colonizaram. Roguemos a Deus que impeça novas perseguições como as que sofreram as missões cristãs reformadas, da parte do governo do **Fascio** "...então inspirado pelo Vaticano".

Há tempos o "Daily Express" publicava a seguinte nota, que merece ser meditada: "O homem do século XX pode dar a volta ao mundo, matar os seus semelhantes a grande distância, pesar e medir os astros e extrair o petróleo das entranhas da terra. Pode imprimir um milhão de jornais por hora, pode forçar uma galinha a pôr 365 ovos por ano, os cães a fumar cachimbo e as focas a jogar a bola. Mas mostrei-lhe cinco pães e dois peixinhos e trouxe-lhe cinco adultos esfomeados e dois pobres garotos sem dinheiro para os comprar. Então ele convocará uma conferência de peritos, nomeará uma comissão e algumas sub-comissões, procederá a eleições e dirá que há crise, sendo necessário tomar certas medidas. Fará montões de regulamentos e ir-se-á embora, deixando sem solução cinco adultos e dois rapazitos esfaimados, e os cinco pães e dois peixinhos".

Tanto em Lisboa como no Porto há uma "rua de Passos Manuel". Está certo: assim era conhecido o notável homem público, e seria estranho, pelo menos estranho, pintar nos cunhais "rua de Manuel da Silva Passos". Mas então porque se inscreve na toponímia lisboeta "rua do actor Carlos Santos" e "rua de Alvaro Coutinho", em vez de "rua de Santos Pitorra" e "rua do Magriço"? Porque arrancar o sabor e a côr que o povo dá às coisas, às ruas, que são dele? Agora se criou também a "rua de João XXI (que é um, na lista intérmina dos papas) em vez de se lhe chamar "rua de Pedro Juliano" que foi um excepcional lisboeta.

Outro centenário: faz este ano três séculos de existência a mais velha colectividade missionária.

rio ainda existente. É a **Companhia da Nova Inglaterra**, fundada em Londres em 1649, só vinte anos depois da **Propaganda Fide** organizada no Vaticano. De 1649 a 1775 o campo missionário desta Sociedade foi de facto a Nova Inglaterra e regiões adjacentes na América do Norte, mas desde 1786 a sua actividade confinou-se no Canadá, e hoje não administra mas provê a manutenção de certas obras da Igreja Anglicana entre os índios canadianos. A existência desta sociedade ajuda-nos a resolver o problema da editoração da 1.<sup>a</sup> edição portuguesa do "Livro de Oração Comum", que é de 1695, sendo a primeira sociedade geral, conhecida, fundada em 1698, a "Sociedade Promotora do Conhecimento Cristão". Esta deve ter sido precedida de outras de plano restrito, como aquela de que estamos referindo o tricentenário. Uma delas que visasse as Índias Orientais, onde o português era a língua franca, terá promovido essa editoração.

Eloy do Amaral, velho amigo, ilustre professor e bibliógrafo, a quem se devem estudos preciosos sobre Bocage, Eça e Fernandes Tomaz, chama a nossa atenção para o facto de que o "Esboço Histórico da Igreja Lusitana" é uma espécie *camiliãna*. De facto lá estão referências à "Maria da Fonte", de que temos aqui um exemplar autografado pelo grande escritor, e ao raro opúsculo sobre o Bispo de Viseu, onde Camilo conta as coisas duma maneira muito diferente da versão do Conde de Samodães. Um dia ECCLESIA tratará mais desenvolvidamente dessa grande figura de D. António Alves Martins.

Havia no ano passado 50.000 cristãos-hebreus na Alemanha. Não esqueçamos que todos os judeus sofreram às mãos dum regime cruel, não por ódio religioso, mas por ódio de raça, igualmente estúpido. Bem merecem todos os perseguidos a nossa simpatia.

O ser humano é todo feito de contradições; pelo menos o ser social com que nós nos acotovelamos por aí. Na cinefilia há **fans**, ou fanáticos de determinados artistas, que por tudo os aplaudem, de tudo os desculpam, para tudo os trazem

ao proscénio da vida. Nos meios cristãos, acoiados tantas vezes de "fanáticos" pelos **outros**, os que vivem a vida fútil, nada disso acontece. Pelo contrário, de vez em quando "queima-se" um correligionário, a fogo esperto ou a fogo lento, mas fogo metafórico, felizmente, porque a Inquisição está reduzida a uma secção da burocracia vaticana. O que consola os corações leais é que Deus dá aos Seus eleitos o dom da Fénix fabulosa, que renascia das próprias cinzas...

A realização, em Julho passado, em Bruxelas, dum Congresso Internacional de Toponímia e Antropologia, fez-nos pensar na anarquia existente sobre esse assunto, no que se refere aos textos bíblicos portugueses. Ouvimos pessoalmente — há bons 45 anos — o grande foneticista Gonçalves Viana, no salão da antiga e saudosa União Cristã da Mocidade, onde presidia a uma conferência nossa, falar do seu "Nomenclador Bíblico"; mas nunca nos foi dado vê-lo, nem mesmo citado em Inocência ou em qualquer catálogo. Referir-se-ia ele a um trabalho inédito? Ou a publicação feita em revista da especialidade? Quem no-lo dirá?

De Vinet, — o pastor, o teólogo, o estilista perfeito, o cidadão admirável que toda a Cristandade Reformada estuda e respeita, — já se descobriram duas mil cartas, das quais se está publicando uma selecção em quatro volumes. Já em 1882 se haviam publicado 230 das que então eram conhecidas, em edição de dois volumes. Este género literário apresenta-nos o Homem com muito maior intimidade e profundidade. Que enorme riqueza de pensamento uma colecção assim nos pode fornecer! E que enorme esforço uma tal correspondência regista! Há quem pense, em face de certas cartas venenosas, de ponta-e-mola, insolentes em seu cinismo ou hipocritamente anónimas, que é melhor não escrever cartas ou escrever o menos possível. Todavia nós pensamos que não há que condenar o esforço de qualquer género, mas lamentar os corações corruptos que corrompem todos os géneros, seja a escrita seja a fala, sejam os actos da vida privada ou da pública.

Como a moda actual entre nós — e interessante moda, por sinal — é restaurar velhas tradições,

(Conclui na pág. 9)

**D**EUS designou duas testemunhas do Seu Reino ou realeza, uma em sucessão da outra (ou antes, talvez, uma em reconstituição da outra), a saber: o Povo Judaico (o Povo da Aliança) e a "Ecclesia" visível, ou Igreja de Jesus Cristo.

Tanto o Povo Judaico como a Igreja, foram conhecidos como "Ecclesia", quer no Velho Testamento Grego, quer no Novo Testamento, e a função desta **congregação**, ou povo de Deus, era ser uma testemunha, uma figura, um instrumento, aos olhos dos homens, da Soberania de Deus Todo-Poderoso, soberania que por vezes, contudo, era olvidada ou passava despercebida.

A distinção entre o Reino de Deus e a Igreja de Cristo visível, embora em certas ocasiões não lhe fosse dada a devida importância, mesmo nos escritos patrísticos, deve ser feita com precisão. O **Reino de Deus** não vem com aspectos exteriores — não se pode dizer "Ei-lo aqui" ou "Ei-lo ali", porque "o Reino de Deus está dentro de vós"; porém, a **Igreja de Cristo**, é um **organismo** visível, é até, dentro de certos limites, uma organização, e todavia ela é chamada a ser, nos seus métodos e na sua essência, uma imagem exacta dos princípios espirituais dominantes na Realeza divina.

Que é então este representante visível da ordem soberanamente estabelecida pelo Deus invisível?

A Igreja é a extensão, no tempo e no espaço, do Verbo de Deus Incarnado, crucificado, assumpto, glorificado, operando entre os homens pela habitação do Seu Santo Espírito, que lhes comunica a Sua Vida Vitoriosa. E assim, embora a Igreja seja visível e tangível, ela constitui uma corporação sobrenatural.

A sua vida está na terra, mas a sua cidadania está no Céu. O seu "habitat" é este globo e os interesses humanos são a sua ocupação, porém o seu espírito reside no mundo eterno.

Não tem aqui cidade permanente; procura uma cidade no além. E a razão disto encontra-se na sua constituição. Como Igreja do Cristo que subiu aos Ceus, cujo Corpo ela é, a Igreja não

pode ser de forma alguma uma sociedade auto-organizada por idealistas seguidores duma verdade comum, ou por meros admiradores do profeta Jesus; é uma Sociedade fundada e constituída por uma **Cabeça** invisível em Quem reside toda a sua vitalidade e separada da qual nada pode fazer. A característica que de facto a distingue é a de que a sua própria existência é uma dádiva. ("Subindo ao alto... (Cristo) deu dons aos homens"). Cristo é a sua vida, a sua esperança, o segredo daquele reavivamento e restauração de que necessita constantemente, dada a falibilidade de seu elemento humano.

Esta relação não é constituída por uma lealdade meramente subjectiva, mantida pela fé e confiança dos seus membros, por muito necessárias que elas sejam. É o Cristo glorificado que é aquela Realidade objectiva e essencial, sem a qual a existência colectiva da Igreja cairia por terra.

As relações existentes entre a Cabeça e os membros do Corpo, são por um lado de natureza pessoal e individual e por outro de espécie colectiva

e compreensiva.

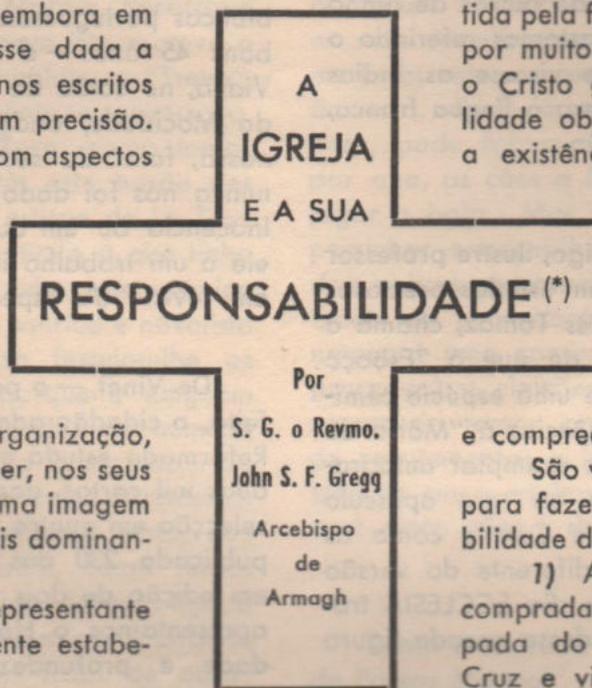
São várias as metáforas empregadas para fazer sentir a importância e imutabilidade desta última espécie de relações:

- 1) A Igreja é a **Esposa** de Cristo, comprada com o Seu sangue, emancipada do pecado pelo poder da Sua Cruz e vivificada pela Sua Vida.

- 2) A Igreja é o Seu **Corpo**, constituindo os seus muitos membros a plenitude de Aquele que é a sua Cabeça.

- 3) A Igreja é para Cristo o que as **varas** são para a videira. Apenas podem dar fruto na medida em que permanecem em Ele.

- 4) A Igreja é o **rebanho** do Bom Pastor. Esta relação mística com o Bispo celestial das nossas almas, é afirmada através de todo o ensino



(\*) Este artigo foi escrito para uma comissão preparatória da primeira Assembleia Geral do Concílio Mundial das Igrejas e foi traduzido e publicado na "Ecclesia" por autorização especial do Autor. Estão reservados todos os direitos de reprodução. Versão do Rev. Dr. Luiz C. R. Pereira, Numa 2a. e última parte será tratado "O dever da Igreja".

dos escritos apostólicos e constitui a substância do testemunho dado pelo Credo Constantinopolitano, é Igreja, Una, Católica e Apostólica.

A mente piedosa estará sempre bastante pronta a falar de Cristo em termos individualistas, dados ou justificados por passagens das Escrituras, como o Salmo 23. Porém, tais figuras, como as mencionadas acima, e tais comparações, como a do Templo espiritual, um edifício compacto formado por inúmeras pedras vivas, força-nos a reconhecer que uma dedicação pessoal a Cristo deve ter lugar ao lado do **amor dos irmãos**, um amor mais largo e mais exigente.

Desta forma verifica-se que existe uma profunda verdade encerrada no conceito aparentemente repugnante "Extra ecclesiam nulla salus" (Fora da igreja não há salvação).

Embora ao estudarmos a história da Igreja encontremos muita coisa indigna que parece contradizer as suas pretensões, acabamos por reconhecer que, apesar dela ser um vaso de barro, contém um Tesouro ao qual a sua existência está subordinada, e que o seu aspecto actual, que é ainda incompleto e em evolução, deve ser considerado à luz deste ideal, sua inspiração e alvo da sua marcha através dos tempos.

São bem conhecidas as quatro grandes marcas da Igreja:

Ela é Una, Santa, Católica e Apostólica.

a) É **Una**, e a despeito de todas as divisões tem a consciência da sua unidade, porque é **uma** a sua Cabeça e **um** o Espírito que nela habita.

E visto que só há um Cristo e um Espírito, ela nunca pode conceber outra ideia acerca de si própria que não seja a da sua unidade. É una em tendência, em propósito, em esforço, em expectação.

Teremos nós razão em ficarmos surpreendidos por não se terem conseguido harmonizar, nuns meros dezanove séculos, aquelas vontades e afeições indisciplinadas, que nos assuntos seculares verificamos estarem em luta, tanto entre as nações como entre os indivíduos que as compõem?

Apenas começamos hoje a apreciar o tamanho, a complexidade e a profundidade das divisões, no material humano que entra na constituição da humanidade e é apenas na medida em que sentimos a confusão dêsse caos humano que nos compenetrámos da vastidão e da beleza e, ao mesmo tempo, da dificuldade da tarefa, que está

diante da Igreja, de tornar os fieis cristãos, (não falamos já na humanidade) **um em Cristo**.

O Cristo uno põe perante a Sua Igreja o grande Ideal de unidade e ninguém pode levar a cabo tal realização, que às nossas mentes limitadas parece impossível, a não ser o Cristo, no Qual é propósito de Deus congregar todas as coisas.

b) A Igreja é **Santa**.

É santa, porque Cristo é santo. Santa, não porque ela possa pretender ter chegado a qualquer perfeição de santidade, mas porque a Cabeça da Igreja a consagrou à santidade. A Igreja é a sociedade redimida, a comunidade daqueles que têm sido educados na santidade. Chamados para serem santos, com meios de graça que lhes são generosamente oferecidos, obedecem e são guiados no caminho da santidade.

O facto de haver alguns ou muitos que não correspondem à sua vocação, ou por ignorância ou voluntariamente, não constitui, nem a condenação da Sociedade que procura o seu bem, nem a justificação do afastamento dela, a que se votam os que evitam o contacto com os que lhes parecem viver abaixo dum padrão mais severo. Seja qual fôr a contaminação do pecado humano, mesmo nos regenerados, é fóra de dúvida que a santidade é o alvo em demanda do qual a Igreja se lançou, e que em Cristo a Igreja está indefectivelmente destinada à santidade como o está à crença na remissão dos pecados.

Nas piores épocas houve sempre um remanescente fiel. Seja o que fôr que se diga em difamação da Igreja, ela ainda tem hoje para o Mundo o valor duma consciência firme, porque o Mundo sabe muito bem que os pecados dos cristãos não representam na verdade o padrão moral da Igreja, mas que pelo contrário estão em completo desacordo com êle. Pois mesmo quando os Chefes da Igreja falharam duma forma manifesta, o "sensus communis" da grei manteve e perpetuou a tradição sagrada.

A Sociedade laica tem pouco a consciência dos seus deveres; mas o que possui do sentido da verdade, da justiça e do respeito pelo indivíduo, obteve-o, ou pelo menos foi a isso induzida, pela Igreja Cristã, êsse tesouro da mente e dos princípios de Cristo.

c) A Igreja é **Católica** ou Universal.

Em contraste com a "Ecclesia" judaica, que era exclusivista, visto ser limitada ao Povo da Aliança, a "Ecclesia" Cristã é universal no seu

âmbito e é para todos os filhos de Deus, seja qual fôr a sua raça, côr ou língua.

Como é o símbolo visível da extensão dos propósitos de Deus para a humanidade e o instrumento para os levar a cabo, é seu dever ir a todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criação (ou a toda a criatura).

A matéria do seu ensino é a **Verdade revelada**, à qual dão testemunho, de século em século, o Novo Testamento (herdeiro do Velho Testamento), os antigos Padres, os grandes concílios e o consenso da Igreja. A sua tarefa é, não declarar verdades novas, mas transmitir com fidelidade aquele depósito que foi aceito **sempre, em toda a parte e por todos**.

Ao mesmo tempo a Igreja é Católica, porque toda a Verdade, seja onde fôr que se encontre, é de Deus e nada que seja uma revelação dos caminhos e da mente de Deus, pode ficar de fora do seu alcance.

Pensadores, estudantes e professores cristãos dificilmente poderão desprezar os resultados confirmados da investigação científica, intelectual ou crítica.

A verdade vem de Deus e a Igreja de Cristo, que é a Verdade, não deve ser indevidamente lenta a considerar dúvidas ou afirmações, que provenham das mentes daqueles que com seriedade procuram a verdade. A Igreja foi colocada no Mundo para falar com autoridade no que respeita à verdade revelada, que ela possui em virtude duma herança secular; mas a sua autoridade tornar-se-á mais aceitável numa época de investigação, se se puder verificar que ela honestamente toma em consideração aquela luz que vem jorrando dos vários sectores do mundo criado por Deus, e por essa luz regula a sua posição e as suas afirmações.

#### d) A Igreja é **Apostólica**.

Nosso Senhor disse aos que se haviam reunido na noite da Sua Ressurreição: "Como o Meu Pai me enviou também Eu vos envio a vós". Da mesma forma que Ele recebeu uma Missão de Deus, assim também dá uma missão à Sua Igreja.

A Igreja existe por autoridade divina, e na Igreja foi dada autoridade aos Apóstolos que foram divinamente designados como aqueles órgãos mediante os quais é exercido nela um ministério permanente de graça e verdade. Desta forma, não apenas se estabeleceu uma Sociedade, mas

deu-se-lhe um germen de estrutura. A Igreja cresceu à roda do seu Ministério Apostólico. A Igreja foi anterior aos seus membros; foi ela que os organizou a eles; **não** foram eles que organizaram a Igreja. Quer consideremos a sua fé, quer o seu ministério (ambos outorgados por Deus), vemos na Igreja um exemplo não duma **evolução** no sentido de Deus, mas sim duma dedicação de Deus em relação aos homens. A organização da Igreja era, por necessidade, larga e flexível no seu início, o seu ministério geral dando lugar progressivamente ao ministério local; essa organização, porém, incluía nela determinados elementos dominantes de **autoridade e continuidade**, necessários à preservação da sua identidade.

Desta maneira, a Igreja não era uma democracia, constituída e governada por si própria.

Reconhecia uma restrição permanente e directiva sobre o seu alvedrio, exercida pelos **mordomos** apostólicos que Cristo no princípio havia estabelecido sobre a Sua Família terrestre. Esta autoridade de restrição manifesta-se no decorrer dos séculos duma maneira mais notável sob dois aspectos:

- 1) Na **Fé** entregue por meio dos Apóstolos, e
- 2) no Ministério histórico estabelecido na Igreja desde os dias dos Apóstolos; "é a força e a firmeza da unidade, e comunhão eclesiástica" (John Bramhall) como o órgão adequado à realização das acções colectivas da sociedade.

## FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

Ó Cristo, Tu vieste a um berço de poesia que, cada ano, encanta a bruma dos invernos. Por Ti o céu entreabriu-se e nós vimos Deus face a face. Por Ti nós sabemos o bastante para seguirmos o nosso rumo. Sabemos donde viemos e para onde vamos. Tu gravaste em nossas almas a imagem do mais perfeito amor que jamais brilhou neste mundo. Ensina-me, pois, a perdoar como Tu. Concede-me esse amor clarividente que me fará discernir os meus erros e não só os dos outros. Ensina-me o amor feito de paciência e de boa vontade, aquele que transparece nas mais pequenas coisas de cada dia. Dá-me um amor que irradie, alegre, atraente. Ó Cristo, neste dia de Natal, faz novas em mim todas as coisas, para que haja alegria sobre a terra e no céu.

Marcelo Bourquin, Pastor suiço da actualidade,  
(oração para o dia de Natal).

(Conclusão da pág. 5)

mais uma, um tanto decaída, se procurou este ano renovar: a dos tronos de Santo António. Para isso se criaram prémios pecuniários, e uma comissão de pessoas ilustres percorreu os bairros populares de Lisboa para a sua adjudicação. Uma trintena de prémios foram conferidos, os quais decerto alegraram muito a petizada e seus pais. A figura de Santo António, o prègador popularíssimo, o amigo das Santas Escrituras, o denunciador zeloso dos albigenses, é-nos bastante simpática pela sua sinceridade, mesmo quando errou. Mas, como cristãos reformados, lamentamos que, por este processo, se dê novo incremento à idolatria e à mendicidade, pois "tronos de Santo António" sempre foram o pretexto de uma e de outra costumeira, nada conformes com o ensino bíblico. Quem tem sofrido a impertinência das crianças mal ensinadas, perseguindo com o pedido de esmola para o santo, que sereno e impávido, no seu semblante de barro mal pintado, aguarda o monte de moedas de que nada pode aproveitar?

Digam-nos os pedagogos como se forma o caracter de quem pede para o santo e guarda para si o que lhe dão.

Diz-nos a "Aurora Evangélica" que um filho do famoso **gangster** romanista Al Capone, oficial da marinha de guerra dos Estados Unidos, se converteu ao Evangelho, numa reunião evangelística do Exército de Salvação, na Austrália. Como as vidas são diferentes, conforme as influências que se recebem!

Outra capela cristã evangélica foi destruída em Espanha, em 12 de Abril, em Valência, por um grupo da "Acção Católica". Estavam justamente os cristãos reunidos em oração quando os díscolos ali entraram e destruíram o órgão, os livros e os outros utensílios e móveis, ameaçando cada um se ali voltasse. Na semana seguinte, contudo, lá se reuniram os crentes, orando pelos seus perseguidores.

## AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

18 de Outubro: S. Lucas Evangelista, "O Médico Amado"

28 de Outubro: S. Simão e S. Judas Tadeu, Apóstolos

1 de Novembro: Todos os Santos.

27 de Novembro: Domingo do Advento. Começo do ano eclesiástico.

30 de Novembro: Santo André Apóstolo.

21 de Dezembro: S. Tomé Apóstolo.

25 de Dezembro: Natal de Nosso Senhor.

26 de Dezembro: Santo Estêvão Diácono, "Protomártir".

27 de Dezembro: S. João Evangelista e Apóstolo.

28 de Dezembro: Os Santos Inocentes.

## NO ÁTRIO FESTAS CÍVICAS

NESTA quadra do ano celebra o povo português, com os seus poderes públicos: A proclamação da República, a 5 de Outubro. A restauração da Independência, a 1 de Dezembro.

O primeiro acontecimento tem 39 anos e o segundo 309. Ambos podem ser considerados cristãmente como passos históricos para uma consciência mais perfeita dos nossos deveres cívicos, pois quantos mais direitos se nos concedem maior é a nossa responsabilidade.

### Várias comemorações da Cristandade

23 de Outubro é o dia europeu das Escolas Dominicais, conhecido pelo "Rumo à Escola", pelo esforço especial que nele se faz para aumentar a sua frequência.

31 de Outubro é a Festa da Reforma. Recorda o acto espantoso de um frade pregar na porta da Igreja do castelo de Vitemberga as 95 teses contra as indulgências, inovação vaticanista.

31 de Dezembro é a reunião de Vigília do ano, que muitos cristãos passam em oração.

### III

## NA NAVE "TODOS OS SANTOS"

"... compreender, com todos os santos..."  
S. Paulo aos Efésios 3:17-19

"... suplicar por todos os santos..."  
S. Paulo aos Efésios 6:18

"... na vinda de N. S. Jesus Cristo, com todos os santos..."  
S. Paulo I aos Tessalon. 3:18

Que visão sublime nos dá esta expressão, tão bíblica, tão evocadora, tão nossa! Queremos compreender, em conjunto

com todos os santos que ainda aqui lutam e meditam. Queremos lembrar na nossa prece todos os santos que também por nós oram, aqui no terreiro da liça, ou no recanto da meditação. Queremos ter a visão gloriosa do regresso do Mestre e Senhor com todos os Seus santos.

O cristianismo é um conjunto de realidades. É uma cruz de Redenção, em que nos gloriamos, como S. Paulo se gloriava; é um baptismo do qual sai a humanidade regenerada para uma nova vida; é uma Eucaristia, na qual permanecemos mudando a dor em louvor e a alegria em suave esperança; é uma decisão que nos humilha e uma renúncia que nos eleva; é uma "nuvem de testemunhas" em que milhares de santos, como gotículas coesas, são iluminados pelo Sol da Justiça, o Cristo de Deus.

"Todos os Santos" formam a Igreja. Na Omnisciência de Deus estão já os santos futuros, como ainda estão os santos passados. Nós, imperfeitos moventes e movidos duma vida imperfeita, estamos em "processo de santificação" e, se a crença nos ilumina, seja qual for a altura do processo, já é de gozo para nós a companhia dos apóstolos, dos mártires e dos confessores da Fé, das Mães, das donzelas, de anciãos e de infantes, dos doutores, pastores e evangelistas, dos oradores e escritores como de simples leitores, ouvintes e praticantes, cireneus de todas as côres, como Simão, o pai de Rufo, pioneiros de ambos os sexos, como Lídia e o mordomo de Candace, alunos de todas as idades como Nicodemos ouvindo Cristo e Eutico, no auditório de S. Paulo.

"Todos os Santos" inculca-nos companhia. Aconselha-nos cooperação. Promete-nos força. Insufla-nos amor. E sem companhia, cooperação, força e amor, que há, de Cristianismo?

(Conclusão do artigo das págs. 13 e 14)

Este preto sabe que por natureza o branco não gosta do preto nem o preto do branco. Há sempre uma separação, mesmo sob as aparências mais favoráveis. Ele sabe que Um só pode vencer o obstáculo e tornar o branco capaz de amar o preto e o preto de amar o branco: É Jesus Cristo.

Um dia perguntava um pagão a um conterrâneo cristão porque tinha deixado a religião dos seus pais, para seguir uma religião estrangeira. O cristão respondeu:

*"Porque vi o valor do Evangelho em todos os que foram salvos, ao serem libertados da sua vida perdida: feiticeiros, curados da sua falsa arte de curar os outros; bebados, salvos da autodestruição; sensuais, arrancados da goela do túmulo; ladrões, que se tornaram honestos; o país a salvo, pelo poder do Evangelho. Mostra-me tu um outro poder que tenha cumprido um tal salvamento entre os homens".*

Para concluir: vale ou não vale a pena pregar o Evangelho em Africa? Eis que surge, saindo já dos seus alicerces, a Igreja Evangélica Africana portuguesa. Todo um povo africano português, cristão reformado, se vai formando. Urge para nós achar entre os portugueses homens e mulheres que ouçam a chamada de Deus e ofereçam as suas vidas pelos africanos confiados à sua Pátria.

Dizem que não há vocação missionária na Igreja Católica Romana de Portugal. Oxalá não se dê outro tanto na Igreja Evangélica. Que Deus nos ajude a orar pela Igreja Indígena e a dar as nossas vidas por Ele, como pela nossa Igreja própria.

Ch. Périer

# Hino Triunfal

Música do Dr. Leopoldo de Figueiredo

*Andante*

Por- tanto com os anjos e ar- chanjos E com toda a mi- li- ia ce-

les- te Lou- va- mos E magni- fi- camos teu glo- rioso

nome e exaltan- do- te sempre E di- zen - - do:

Santo, Santo, San - - to! Senhor Deus dos e- xér- ci-

tos os Céus e a Ter- - ra estão cheios da tua glória glória te seja

*Larghetto*

dada Ao Se- nhor Al- tis- si- mo! A - - men.

# LAUDA POÉTICA

## PRAIA DA VIDA

Depois de muito, muito caminhar,  
Deitei-me sobre a areia, exausto da jornada  
E olhei ao largo, então, como jamais olhara,  
Para a amplidão de céu e mar.  
Que maravilhas ante mim desenroladas!  
Gigantes flocos de vapor, com placidez suspensos,  
Sobranceiros à espuma, em turbilhão constante,  
Eis a imagem da Vida, eis o retrato do Homem,  
Perpetuamente estático e dinâmico!  
Na monstruosa massa líquida  
Se albergam multilhões de vidas populates  
Que uma vez proliferam e outra se destroem.  
Águas se somam, águas se dividem,  
O Ser se diminui, o Ser se multiplica,  
No alastrar das quatro operações,  
— As quatro operações do Homem e da Vida —  
Águas que ao parecer são estanho derretido,  
Velha prata que as mãos dum Cellini gigante  
Lavrou, maravilhoso;  
Jogo de espelhos crespos, que refletem  
O cobalto dos céus;  
Que mistérios suspeito em teu imo abismal!  
Entesouras, incôscio, os elementos todos,  
Mar-Vida, Mar-Varão, Cellini colossal  
Que aferrolhas no abismo e cinzela por fora:  
Barbárie interior, civilidade externa...  
O ouro só que tu guardas dementaria os Cresos,  
Mancharia no altar a beleza dos mármoreos,  
Solveria os problemas de inquietos Pallissys,  
E compraria o pão das multidões famintas.  
Mas tu os guardas, tu, inconsciente avaro;  
Guardas o ouro que corrompe e dá o sal que preserva,  
Mar-Homem, ó Mar-Vida, Grão-Senhor enigmático!  
Da química da vida tu tens os elementos  
Como no Cérebro chispam os elementos da ideia;  
E em ondas que rolam umas sobre outras,  
Aumentando, engalfinhadas, a cada instante, a força,  
Trituras e dissolves a penedia abrupta  
Que cinge esse teu leito,  
Depositando aqui o limo que há de ser,  
Um dia, terra arável,

E deixando acolá a mescla de fragmentos  
Que forma então a praia doirada pelo sol.  
Ali, estímulo ao trabalho; aqui, convite ao repouso:  
Leiva e praia, esforço e inércia.  
Esforço filho da inércia dos teus limos,  
Inércia nascida do trabalho das tuas ondas,  
Ó Mar-gigante do dorso húmido  
E entranhas misteriosas de ouro e de sal!  
Tua moção tão fria gera emoção ardente,  
Quando se te descobre o transbordar febril.  
Teus reflexos de sol-a-pino cegam os olhos do Poeta...  
Mas Saulo, cego outrora, vira uma luz celeste,  
E o Poeta, encandeado, mergulha a vista nas águas,  
Mar-Vida, Mar-Varão, húmido gigante enigmático!

Eudaro Carmelino

Praia das Maças, Julho de 47.

## SACRIFÍCIO INÚTIL

I

Quais arados, febris e delirantes,  
Para cumprir promessas irreais,  
Vão homens, de joelhos, ofegantes,  
Sulcando a terra, até não poder mais.

II

De lábios ressequidos, suplicantes,  
Por tantas orações e tantos ais;  
Regressam, à tardinha, angustiantes,  
Imersos de tristeza, aos seus casais!

III

— Ó gentes a cair no precipício!  
Nada vale, para Deus, tal sacrificio,  
Nem quer flagelações, crueis, tamanhas!

IV

A redenção foi ganha numa cruz!  
Trazei estas palavras bem à flux!  
— A Fé é que remove altas montanhas!

Marcos Matta

**VAMOS** falando nos imperativos categóricos e na compreensão nova da vida que transformam até a expressão da linguagem religiosa. Ora para melhor me fazer compreender, caros leitores, tomarei dois exemplos.

As palavras de que usamos nas nossas conversações revelam a maneira pela qual percebemos as coisas. A maneira de falar revela a maneira de compreender.

Assim acontece ao falar o missionário com outros cristãos sobre diversos assuntos, e depois de algum tempo um dentre eles se lembra de que o interlocutor é missionário e diz: — "Você é missionário, diga-nos, pois, alguma coisa da sua missão. Porque — sabe? — a missão interessa-nos". Outro exemplo: lê-se por vezes nos jornais religiosos afirmações destas: "A Igreja Nacional de Genebra interessa-se pela Missão". Ora, obrigado pelo interesse! Pois quê, irmãos, a Missão interessa-vos? E é esse todo o pobre vocabulário que achais para exprimir o que sentis para com a Missão? Sem dúvida nenhuma, o interesse é já qualquer coisa, melhor do que nada. Por isso agradecemos. Mas não sentis que a expressão é inadequada, que revela uma compreensão insuficiente do que é a Missão Cristã?

Que um ateu diga que a Missão o interessa em virtude do valor civilizador dos seus hospitais e das suas escolas, não me causa admiração. Mas que um cristão, isto é, um homem que foi salvo e ressuscitado da morte em Jesus Cristo, que é continuamente ressuscitado da morte espiritual — diga que a missão o interessa; que ele

ache só essa palavra para caracterizar o que acontece no seu espírito diante do facto da Missão!

Não é meu intento despertar mero interesse a favor da Missão.

Um ateu pode dizer que Cristo o interessa como génio religioso. Um cristão já não pode falar assim. Jesus já não **interessa** o homem que se tornou cristão; Jesus o **empenha**, faz dele Sua testemunha. O cristão já não se interessa pelo Cristo. Mais do que isso: vive de Ele; e diz: "Para mim o viver é Cristo". Vós nunca dizeis: Cristo interessa-me. Sentis que seria uma forma inconveniente de falar, que não exprimiria o que Cristo é para vós. Um cristão não se interessa pela sua Igreja; faz mais do que isso: serve-a. O cristão não se interessa pela Missão; faz mais do que isso: vive-a. Vive-a, ao ser testemunha ou missionário — é a

## MISSIONÍSTICA

### A razão de ser da Missão

Mateus 28:19; Actos 1:8

(V. Introd. no n.º 3)

mesma coisa — na sua Igreja, na sua terra, na sua rua, no seu escritório, na sua profissão. Por isso repito que não venho no intento de despertar o vosso interesse missionário, mas simplesmente falar-vos da causa dele na Igreja de Cristo, na vossa Igreja. Porque, seja aqui ou acolá é sempre a mesma Igreja, é sempre o mesmo rebanho, sempre o mesmo Salvador, sempre a mesma história, o mesmo facto tremendo: a prègação da Morte e da Ressurreição do Cristo que faz morrer o pecador em si-mesmo e o ressuscita pescador de homens.

### A Missão nasceu no dia de Natal.

Não se imagina a Missão Cristã sem a missão de Jesus. Não se pode conceber a Igreja Cristã sem a missão de Jesus, sem a

missão de Paulo; não se pode imaginar nenhuma igreja cristã sem a missão da multidão de testemunhas de todos os séculos. Não se pode imaginar uma igreja cristã que não seja missionária. Quando por desgraça isso acontece é que essa igreja já não é uma Igreja. Tornou-se um círculo fechado ao próximo, porque fechado ao Espírito Santo. Essa Igreja já não é mais do que uma forma vazia, destinada a ser quebrada e destruída pelas forças demoníacas que se disputam o reino de Cristo neste mundo. Direi que o mundo não perde grande coisa se perder essa igreja.

Dir-se-á agora: "percebemos, sim senhor. A missão é um dever do cristão. Concordamos. E não esperamos as suas palavras para cumprir o nosso dever". Se raciocinai assim, ainda nos não entendemos. Porque, quando a Igreja é o que deve ser ela é missionária, já não por dever mas como que involuntariamente, como que naturalmente. A Igreja é missionária tão necessariamente como o sol é luminoso. Quando é Igreja verdadeira, já não é missionária por ordem ou para agradar a Cristo, mas porque é Igreja. É missionária, porque não pode ser de outra maneira. Então a Igreja viva não faz missão (interior ou exterior, pouco importa), contenta-se em viver a sua fé. E está bem, ainda está melhor, se a sua fé a traz até às extremidades da terra, como antigamente ela foi trazida até nós.

**Nessa altura a Missão é simplesmente a Igreja viva.** A Missão já não é um dever mais ou menos pesado; é apenas um acto de amor da creatura respondendo ao amor do seu Salvador.

Uma outra objecção à Missão é a que se faz nesta pergunta: "Não seria melhor e mais eficaz levar o indígena africano à

escola da nossa civilização em vez da do cristianismo, difícil demais para ele o poder perceber? Quem fala assim esquece a palavra de Actos 4:12: "Em nenhum outro há salvação, porque nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos".

Vou deixar entretanto os cristãos africanos responderem a essa objecção, citando uns extractos de conversas que com eles tive, ou de cartas que deles recebi. E verá o leitor se o indígena crente é ou não capaz de perceber e apreender o essencial do Cristianismo, ou melhor seria dizer, se o Evangelho é ou não capaz de encontrar o homem onde quer que ele esteja, qualquer que seja a sua raça; tão grande quanto seja a sua desgraça, capaz de o encontrar e de o ressuscitar.

Eis o que um escreveu:

*"Fora do Evangelho, a consciência do homem, a humanidade dos homens, não consegue desligar-se, libertar-se das leis da animalidade. Porque o Evangelho é a civilização do coração. Os que propagam a civilização sem a Palavra do Senhor enganam-se a si-mesmos. Apreciam a excelência da instrução, mas ficam mergulhados nos seus costumes pagãos e sobretudo nos seus pecados".*

Irmãos: o cristão preto que escreveu isto percebeu ou não o que é o Cristianismo?

Agora, eis um outro:

*"Para nós, pretos, o valor do Evangelho vem de que conseguiu estabelecer uma comunhão real dos pretos com os brancos, e dos brancos com os pretos. O Evangelho revelou-nos o mistério da chegada de Aquele que veio para reunir todos os homens na Vida Eterna".*

(Continua na 2.<sup>a</sup> col. da pág. 10)

# NO LAR

CARTA DUM "BOLSEIRO" QUINHENTISTA SUIÇO

A Osvaldo Micônio, o amigo de Zuinglio em Basileia, foi escrita por um estudante suíço na Alemanha, no tempo dos Reformadores, a seguinte carta, muito curiosa, que ainda hoje se conserva nos arquivos cantonais de Zurique:

**O**RO e faço votos para que a graça e paz constantes vos sejam concedidas, a vós todos que morais em Basileia, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Sabe, ó pai, e muito illustre varão, que os estudos florescem aqui duma forma perfeitamente notável, graças à presença dum muito grande número de homens tão distintos pela piedade como pelo saber. Possa o Todo-Poderoso conserva-los por muito tempo sãos e salvos, para extensão da Sua Igreja e para manutenção dos nossos estudos.

Vou dizer-te resumidamente que lições se dão cada dia. De manhã, às seis horas, escuto o comentário feito por Filipe Melancton sobre Eurípedes; em breve, se Deus permitir, ele começará a explicar-nos Tucídides. Às sete horas estou no curso de Vintzémio acerca de Homero. Às oito ouço de novo Filipe Melancton, que expõe alternadamente o **De Oratore** de Cícero, a sua própria dialectica ou os **Loci Communes**. Pelo menos em meu juízo Melancton ultrapassa todos os outros professores, seja qual for a faculdade a que pertençam, tanto pela erudição, onde sobretudo ele se revela, como pelo zelo infatigável e sem quebra com que dá os seus cursos. Às nove horas almoço. Ao meio dia mergulho nas matemáticas. Às duas horas é o curso de Holstein, o primeiro professor da faculdade de oratória, sobre os discursos de Cícero. Costumo seguir na segunda e na quarta-feira às três horas a exegese do Génesis feita por Martinho Lutero, que, em razão do seu mau estado de saúde, só raramente prelecciona. Às quatro horas ouço Cruciger, que dá uma muito exacta exposição de João Evangelista; à mesma hora estou também com Pomerano que, recentemente chegado da Dinamarca, retomou a sua explicação dos Salmos de Davide. Às 5 horas janto. Às seis deixo os estudos para me recrear

num curto passeio e restituo assim as forças ao corpo fatigado, depois do que me entrego de novo ao trabalho.

Tais são os cursos que não sòmente frequento com a maior assiduidade, mas onde estudo da maneira mais cuidadosa. Também, no que diz respeito a estudos, não há cidade onde eu gostaria mais de passar o meu tempo da que Vitemberga; mas no que toca a apazibilidade dos lugares, à salubridade do ar e à qualidade da alimentação e da bebida, não existe um onde eu preferisse viver mais do que Basileia.

Aqui a água, por ser lodosa, não é potável; os alimentos são também muito grosseiros e a cerveja nem sempre nos convém, porque provoca a sarna e a febre. Não posso, por isso, dizer bem dos acepipes que ordinariamente nos servem, nem da bebida. De resto, eu como a uma modestíssima mesa onde a pensão me fica à razão de dezoito florins ao ano. Quanto ao quarto, custa-me ele seis florins; tive bastante trabalho para o achar, por causa do considerável número de estudantes que estão em Vitemberga, cerca de 2300. No que acabo de referir não estão, é claro, compreendidas as outras despesas que não posso evitar de fazer. É verdadeiramente impossível aqui viver sem fazer dívidas, porque todos os preços triplicaram. Trinta, quarenta, cinquenta florins mal chegam para levar uma vida mesmo parcimoniosa e miserável. É por isso que te peço e conjuro, em nome de tudo o que há de sagrado, ó pai, homem distintíssimo, de exercer os teus bons ofícios junto do senhor Henrique Rhyner, secretário da cidade, bem como junto dos senhores Rodolfo Freyer e Fridolino Ryfer, para que o meu subsídio seja aumentado. Que te apraza pedires-lhes o prover a que se lhe acrescentem alguns florins. A todos eu escrevi a esse respeito.

Seja assegurado que me lembro sempre de ti, meu pai... etc.

Vitemberga, 27 de Maio de 1542.

**Filipe Bechius**

*Entre o muito original retirado deste número, na angustiosa falta de espaço que nos aflige, corta-se interessante noticiário, e também a nota das permutas, que ficará para Janeiro.*

## NA SEARA

### LIVRO DE ORAÇÃO COMUM

Celebrou-se no Domingo 19 de Junho, nas diversas congregações da Igreja Lusitana, o quarto centenário do primeiro Livro de Oração Comum, usado pela primeira vez na Grã-Bretanha, na Primavera de 1549. Os serviços comemorativos, para os quais houve colectas especiais, realizaram-se em oito paróquias; e em Lisboa ("S. Paulo"), e Gaia ("São João Evangelista") realizaram-se também conferências pelos Revv. Pinto Ribeiro, sobre "História e Valor das Liturgias Católicas Reformadas" e Dr. Luiz Pereira, sobre "A Herança Litúrgica". Apesar de preparado com pouco tempo, não chegando por isso ao conhecimento prévio de todos os eclesianos, foi de muita inspiração este pequeno movimento comemorativo, no qual também foram lembrados alguns dos organizadores do livro de língua portuguesa, uma das 149 línguas que hoje possuem adaptações livres do venerando livro, o dobro do número de idiomas que o possuíam quando em 1884 ele foi aprovado pelo Sínodo Português.

### VISITA A SETÚBAL

Foi um dia inolvidável para os que nela tomaram parte, a visita que o Grupo Coral Esforço Cristão fez à Igreja do "Espírito Santo", na cidade de Setúbal, em 26 de Junho. Chegados à cidade do Sado pelas 17 horas, depois do culto campal no Portinho da Arrábida, realizou-se às 18 horas o serviço divino, conduzido pelos Revv. Pereira Martins e Pinto Ribeiro, que o Grupo Coral, sob a regência do Dr. Leopoldo de Figueiredo, acompanhou com hinos do hinário geral; e, depois do sermão, ouviu-se com perfeito encanto o programa escolhido, quase todo da autoria do talentoso regente. No regresso, os componentes do Grupo Coral e muitos membros da congregação de "S. Paulo" e de outras igrejas de Lisboa visitaram a histórica vila de Palmela.

O "Setubalense" do dia seguinte, sob o título "Um lindo recital", deu uma elogiosa notícia descritiva desta jornada.

### Conferência de estudos em prol da Igreja

Pelos iniciadores desta conferência é-nos enviado o seu programa, que com todo o prazer aqui inserimos. Cremos não ser necessário encarecer o valor desta iniciativa, que poderá ser o ponto-de-partida para uma nova fase da nossa actividade como Igreja.

## PROGRAMA

Presidente honorário: — o Reverendíssimo Presidente do Sínodo Geral da Igreja Lusitana.

Capelão: — o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral.

A Conferência terá lugar em Vila Nova de Gaia, durante os dias 4, 5, e 6 de Janeiro de 1950.

### Assuntos a discutir na ordem dos dias:

Dia 4 — 10 horas: — Estudo de um plano quinquenal, que culmine com o décimo sexto centenário do nascimento de Santo Agostinho de Hipona, visando um enérgico progresso da igreja nos campos metropolitano e colonial;

17 horas: — Estudo tendente à resolução do problema da cooperação fraternal com os órfãos e viúvas da Igreja;

Dia 5 — 10 horas: — Estudo do problema das Escolas Dominicais da Igreja Lusitana, procurando o enquadramento destas num plano de educação litúrgica e doutrinária de crianças e adultos;

17 horas: — Estudo das actividades de imprensa da Igreja, com crítica ao sistema presente;

Dia 6 — 10 horas: — Estudo, nos seus aspectos teórico e prático, das relações da Igreja Lusitana com outras comunidades cristãs;

17 horas: — Estudo da Organização eclesiástica e revisão dos Cânones e usos litúrgicos, para adaptação destes às modernas condições da Igreja.

### Ofícios religiosos:

Dia 4 — 8,30 hor.: — Celebração da Sagrada Eucaristia; a homilia, a cargo do Rev. Eduardo Moreira, versará A PENITÊNCIA, PRIMEIRO PASSO DO ESFORÇO CRISTÃO;

Dia 5 — 8,30 hor.: — Celebração da Sagrada Eucaristia; a homilia, a cargo do Rev. Agostinho Arbiol, versará CRISTO, O SENHOR DA IGREJA;

Dia 6 — 8,30 hor.: — Celebração da Sagrada Eucaristia; a homilia, a cargo do Rev. Dr. Luís Pereira, versará CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA;

21 horas: — Oração da Tarde. Preparará o sermão magno o Rev. Dr. Luís Pereira sobre o tema da festa do dia — EPIFANIA.

Os ofícios, e tudo quanto se lhes refira, estarão a cargo exclusivo do capelão.

A inscrição para tomar parte na conferência, deve ser solicitada ao Secretário da Organização, Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, S.to Ovídio, V. N. de Gaia, mediante a quantia de 20\$00.

Esta Conferência é de carácter absolutamente particular, não possuindo valor canónico as suas conclusões finais, que, em forma de "memorandum", serão apresentadas à consideração do Colendo Sínodo.

Em tempo oportuno se darão informações complementares.

COM PERMISSÃO DA LEGÍTIMA AUTORIDADE DA IGREJA.

# IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

## CONGREGAÇÕES E MISSÕES

- LISBOA** Igreja Lusitana de S. Pedro—Largo das Taipas  
 Igreja Lusitana de S. Paulo—"Marianos"—Rua das Janelas Verdes  
 Igreja Lusitana de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)
- P O R T O** Igreja Lusitana do Redentor—R. do Visconde de Bóbeda e R. do Barão de S. Cosme, 223
- VILA NOVA DE GAIA** Igreja Lusitana de S. João Evangelista — Torne  
 Igreja Lusitana do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas  
 Igreja Lusitana do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal  
 Igreja Lusitana de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro
- SETUBAL** Igreja Lusitana do Espírito Santo—Bairro Salgado
- ALCACER DO SAL** Igreja Lusitana de Cristo Remidor
- E V O R A** Missão Evangélica dos Martires da Fé—Beco do Chantre
- CAMPANHÃ (Porto)** Missão Evangélica de Santo Estêvão—R. do Azevedo
- VALBOM (Gondomar)** Missão Evangélica de Santiago Apóstolo—Largo da Arroteia
- A M O R A (Seixal)** Missão Evangélica de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

### Ecclesia

*Encontra-se à venda na:*

**Livraria Aillaud & Lellos**

Rua do Carmo, 82

LISBOA



**Tabacaria Aliança**

Rua de Santo António, 19

P O R T O

### SÍNODO DIOCESANO DA IGREJA

#### Presidente :

Rev. António Ferreira Fiandor  
*Residência:* Torne—Vila Nova de Gaia

#### Secretários:

Rev. António Pinto Ribeiro Júnior (no Sul)  
 Rev. Agostinho Ferreira Arbiol (no Norte)

#### Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa  
 Rev. José Pereira Martins  
 Rev. Armando Pereira de Araújo  
 Rev. José Maria Leite Bonaparte  
 Rev. Augusto Nogueira

(Um representante secular de cada uma das  
 Congregações a cargo dos Presbíteros do Sínodo).

### Ecclesia

|                        | Assinatura | Venda avulso |
|------------------------|------------|--------------|
| Império<br>Português   | 20\$00     | 6\$00        |
| Países<br>Estrangeiros | 26\$00     | 7\$50        |



*Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos ministros da Igreja Lusitana.*